



O SONETO MISTERIOSO

Quando Antônio Sales sentiu as primeiras cócegas literárias já existia em circulação nesta cidade, desde 1870, um jornal crítico e literário, formato trinta por vinte centímetros, com quatro folhas, intitulado O Meirinho, rodado na Tipografia Americana, com sede à rua do Fogo (depois da Palma e hoje Major Facundo), de propriedade do impressor Teotônio Esteves de Almeida. Recorda-se o autor de Retratos e Lembranças que essa tipografia ficava numa *"casinha de taipa muito baixa, mais funda dentro que a rua, onde havia umas velhas caixas de tipos, e um velhíssimo prelo, que imprimia por um verdadeiro milagre"*.

Antônio Ferreira de Lafaiete, o Lafite, era o único redator e o único compositor. Gordo, baixo, de tez acaboclada, feio, boêmio, zarolho, arredio ao meio intelectual, amante da pinga, compunha sozinho o jornal, sem nada escrever, pois na acanhada redação sempre faltavam papel e tinta. Saía o jornal aos domingos e se gabava de ter entre seus fiéis admiradores o Capistrano de Abreu. Conhecido como o Matusalém da Imprensa Humorística, foi nele que Antônio Sales, aproveitando-se dos motes que em todos os números Lafite propunha ao público leitor para serem glosados, se exercitou na técnica da metrificação.

Por essa época, em 1887, funcionava o Clube Literário, com sede à rua Major Facundo nº 56, numa pequena sala contígua à redação do Libertador. Congregava alguns rapazes de talento mas Antônio Sales daquele grupo só conhecia pessoalmente Oliveira Paiva ao tempo em que este andara por Soure a conselho médico.

Seu maior desejo o de pertencer àquela associação de letras. Para tanto, encheu-se de coragem, escreveu um soneto, endereçou-o a João Lopes, assinou-o A. Lessal e, à noite, meteu-o por baixo da porta do Libertador. No dia seguinte, nervoso, passa a rondar, impertinente, o Clube. Oliveira Paiva o reconhece e convida-o a entrar. E qual não foi sua surpresa ao encontrar Virgílio Brígido, em voz alta, lendo a sua produção poética. Colocada em votação e obtendo parecer favorável, o No Jardim, dia seguinte, aparecia pelas páginas daquele diário da tarde, sexta-feira de 29 de abril de 1887, já com a assinatura A. Salles.

Mas vejamos o No Jardim, dedicado a Jovino Guedes, mais como valor histórico que mesmo literário:

NO JARDIM

*"Nuvens de rosas, úmidas, pairavam
sobre o mar verdejante das roseiras,
onde, nas inquietas e ligeiras,
as borboletas rútilas vogavam.*

*Espumas feitas de jasmims boiavam . . .
E, quais gaivotas rápidas, faceiras,
os insetos dourados voejavam
sobre o mar verdejante das roseiras . . .*

*As notas da cigarra, delirantes
como voz de sereia, retumbantes,
ondulavam no côncavo dos ares.*

*Impregnando-os de um magnetismo,
que atraía meu ser para o abismo,
aonde sossobravam meus pesares!"*

Incorporado de imediato membro do Clube Literário e depois, em julho, eleito seu segundo-secretário, solicitado a colaborar em A Quinzena, seu órgão de divulgação, realizava, assim, o seu maior sonho . . .